

## A NEGRITUDE NA POESIA AFROURUGUAIA DE VIRGINIA BRINDES DE SALAS

### NEGRITUDE IN THE AFRICA URUGUAY POETRY OF VIRGINIA BRINDIS DE SALAS

Josinaldo Oliveira dos Santos (UESPI)<sup>1</sup>

Crislane da Conceição Alves Assunção (UESPI)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por finalidade analisar as obras da afro-uruguaia Virginia Brindes de Salas, *Pregón de Marimorena* y *Cien cárceles de amor*, publicados respectivamente em 1946 e 1949. Objetivando encontrar marcas da Negritude em suas poesias, para isto, é necessário discorrer sobre a Negritude, movimento que surgiu na França, que tem como principal autor Aimé Césaire e o Negrismo, que se desenvolveu com as vanguardas europeias; uma vez que, estes dois movimentos importantes, tem como sujeito o negro, assim os caracterizaremos, pois por terem como base o afrodescendente é comum que sejam confundidos, desta forma, buscaremos distingui-los. A natureza desta investigação é básica, com o enfoque qualitativo, como objetivo da pesquisa sendo explicativo e o procedimento bibliográfico. Para tanto se utilizou, por exemplo, como base histórica e teórica, entre outros, Burgueño (2007) e Domingues (2004). Foi possível constatar que Brindes de Salas engajou em suas poesias a identidade do negro e a sua cultura, assim como assumiu uma atitude militante perante as desigualdades sociais e políticas existentes em sua época. Quebrando assim o seu silêncio e fazendo uma diferença demasiada significativa. E essa postura tanto dentro como fora da literatura, a posicionam como parte do movimento da Negritude.

**Palavras chave:** Negrismo. Negritude. Virginia Brindes de Salas.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the works of Afro-Uruguay Virginia Brindes de Salas, *Pregón de Marimorena* and *Cien Cárceles de Amor*, published respectively in 1946 and 1949. In order to find marks of Negritude in their poetry, for this, it is necessary to discuss the Negritude, a movement that emerged in France, whose main author was Aimé Césaire and Negrismo, which developed with the European vanguards; since, these two important movements, have as a subject the black, we will characterize them, because because they are based on afro-descendants it is common for them to be confused, in this way, we will seek to distinguish them. The nature of this investigation is basic, with a qualitative focus, with the objective of the research being explanatory and the bibliographic procedure. To this end, Burgueño (2007) and Domingues (2004) were used, for example, as historical and theoretical basis. It was possible to verify that Brindes de Salas engaged in his poetry the identity of the Negro and his culture, as well as assuming a militant attitude towards the social and political inequalities existing in his time. Thus breaking your silence and making a difference that is too significant. And this posture, both inside and outside literature, positions it as part of the Negritude movement.

**Keywords:** Blackness. Blackness. Virginia Brindes de Salas.

## INTRODUÇÃO

Com a descoberta do continente americano em 1492, pelos europeus, o continente sofreu uma exploração intensiva, por causa de seu desejo de avanço econômico e tecnológico sobre o mundo. Com o domínio e a proximidade com outros povos de culturas diferentes, e levando em consideração que na Idade Média, a Igreja tinha poder político e econômico, os europeus senti-

---

<sup>1</sup> Professor mestre da Universidade Estadual do Piauí. Este trabalho faz parte do PIBIC-CAPES-UESPI. Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Hispânicos. Email: [donjosinaldo@hotmail.com](mailto:donjosinaldo@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras-Espanhol pela UESPI. Faz parte do PIBIC-CAPES-UESPI. Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Hispânicos. Email: [cryslane.lyns@gmail.com](mailto:cryslane.lyns@gmail.com).

ram necessidade, induzidos pela a igreja, que estes povos além de dominados deviam se subjugar a cristandade, o que fez surgir à concepção de que há uma religião superior do que as demais.

Na medida em que o poder dos europeus vai se expandindo, assim como seu campo de exploração, a falta de mão-de-obra se torna um problema, o trabalho dos ameríndios não é mais suficiente, uma vez que estes estavam morrendo por causa das epidemias e das péssimas condições de trabalho em que viviam. A partir do século XVI, inicia-se a exportação de escravizados trazidos do continente africano, para trabalhar forçosamente nas Américas, o registro mais antigo que existe de um carregamento mercantil de escravizados africanos para a América espanhola, data de 1518. Mesmo com a proteção posterior que a igreja e a coroa espanhola concederam aos ameríndios, eles e os escravizados trazidos da África, eram tratados como marginais, sem raízes, e inferiores.

Tratando especificamente dos afrodescendentes e suas lutas, vemos que estes durante três séculos foram tratados como o outro e não como sujeito- que continha uma identidade, e sofreram (e sofrem) com o racismo que surgiu com uma ideologia de que na Europa estavam à raça e a cultura superior a todas as outras, e assim impunham a cultura e o modo de vida europeu às sociedades negras, o que causava um racismo subconsciente nos próprios afrodescendentes, quando estes aceitavam esta imposição.

A partir das décadas de 1920 a 1930 iniciam-se movimentos culturais que lutam por um renascimento negro (que buscava uma revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares), no qual se destacam três países das Américas: Cuba, Haiti e Estados Unidos. O Renascimento, Indigenismo e Negrismo surgem como consequência do Iluminismo e do Romantismo europeu, que influenciaram na abolição da escravatura; e após a Revolução Francesa de 1789 (que trouxe ideais como igualdade, liberdade e fraternidade) os povos tiveram uma oportunidade de se pronunciarem quanto a sua cultura, identidade e liberdade, o que influenciará posteriormente no desenvolvimento da *Negritude*.

Todo este contexto histórico é importante para o nosso estudo, uma vez que trabalharemos a questão do Negrismo e da Negritude diferenciando-os, e conhecendo o seu impacto na história e na literatura, neste último viés, analisaremos a grande escritora Virginia Brindis de Salas com suas seguintes obras poéticas *Pregón de Marimorena* y *Cien cárceles de amor*, publicados respectivamente em 1946 e 1949. Objetivando caracterizar suas obras como pertencentes ao movimento da negritude, e valorizando sua representatividade, o que por vezes é desconhecida ou desvalorizada por sua própria nação.

### **Negritude, uma questão de luta cultural**

No Caribe e no Brasil, é onde se concentra a maior população de ancestral africano, mas

também temos países como México, Venezuela, as Guianas, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai, todos trazidos por comerciantes ingleses, franceses, holandeses, portugueses e espanhóis durante a colonização. A escravidão teve fim em períodos diferentes nos diversos países como, por exemplo, no México perdurou até os anos de 1828, em Cuba foram até 1886, no Brasil 1888, e nos Estados Unidos em 1858. Mas mesmo sendo libertados, os afrodescendentes continuaram sendo escravizados do olhar de menosprezo de uma sociedade europeizada.

O termo *Negritude* surgiu nos anos de 1934 na França, mas este movimento já tinha começado a dar seus primeiros passos. Supõe-se que se iniciou nos Estados Unidos, indo para Antilhas, depois atingiu a Europa, chegando à França aonde adquiriu corpo e foi sistematizado, e por fim estabeleceu-se por toda África negra e as Américas (DOMINGUES, 2004). Esse movimento tinha como objetivo fazer com que o povo negro tivesse orgulho de sua cor, de sua cultura e raízes. Um dos seus primeiros representantes importantes foi o afro-americano W. E. B. Du Bois (1863-1963) historiador, sociólogo, ativista, autor, editor e foi líder do movimento pan-africanismo e do movimento Niágara, que tinham como finalidade reivindicar direitos iguais para os negros na educação, na política, nas oportunidades de emprego e na renda salarial. Lutou fortemente em defesa da libertação das colônias africanas ainda dominadas pelos europeus, quanto pela construção da unidade africana. Pelo fato de Du Bois ser uma das primeiras lideranças a adotar com veemência um discurso de orgulho racial e de volta às origens negras é considerado da mesma maneira, o pai simbólico do movimento da tomada de consciência de ser negro (DOMINGUES, 2004).

O surgimento da Negritude foi um processo que se iniciou graças à participação de outros movimentos importantes como o *New Negro* (também conhecido como *Harlem Renaissance*), que foi criado nos Estados Unidos no Harlem (bairro negro de Nova York), cuja finalidade era refletir sobre os falsos estereótipos que se atribua aos negros e mostrar a ignorância que existia sobre o povo afrodescendente para aquela sociedade; e ao invés de sentirem vergonha de sua cor, eles a enalteciam, Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright foram nomes representativos deste movimento. Outros movimentos foram o *Negrismo Cubano*, tendo como principal poeta negro Nicolás Guillén que promoveu uma conscientização sobre a história africana, este movimento desenvolveu-se no século XX, e se caracterizou por focar a cultura e a problemática negra. No Haiti, o movimento *Indigenista* de reabilitação da herança cultural africana, valorizando as línguas crioulas e a religião *vodu*. A independência do Haiti foi um fator de extrema relevância para o movimento da negritude.

A negritude foi estabelecida por estudantes negros que estudavam na França, Aimé Césaire (de Martinica), Léon Gontran Damas (da Guiana Francesa), Guy Tirolien (de Guadalupe) e

Léopold Sédar Senghor (de Senegal), que conscientizados do preconceito e da discriminação tanto econômica, política e cultural que existia, e que afetava não somente alguns, mais a maioria da população negra, começaram a escrever sobre isto, suas primeiras publicações deram-se por meio das Revistas *Légitime Défense* (Legítima Defesa - 1932) e *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro - 1934). Estas revistas tiveram um papel indispensável para a repercussão da negritude, uma vez que elas eram um meio de reivindicação, e denúncia da opressão racial e a política de dominação cultural colonialista. É importante deixar claro que esta dominação cultural colonialista, significava que mesmo que o período do colonialismo tivesse acabado ainda existia uma imposição cultural por parte dos europeus sobre os afrodescendentes, que ocorria tanto na linguagem como na arte, ou seja, era necessária uma descolonização cultural, uma clara demonstração de outra palavra importante para nossos estudos, o eurocentrismo. O eurocentrismo é a concepção de que a Europa é o elemento central para a constituição da sociedade moderna, trata-se da ideia de que a Europa seria o centro da cultura do mundo, o que conseqüentemente se revela como uma visão xenofóbica. E negar os valores europeus para o movimento, era indispensável, uma vez que, a missão era valorizar a cultura negra, a sua religião, arte e linguagem. O dilema para os africanos e negros da diáspora, assevera Franz Fanon, deixou de ser "embranquecer ou desaparecer".

A ideologia da negritude foi antes de tudo, um movimento de resgate da humanidade do negro, o fenômeno da assimilação foi denunciado, metaforicamente por Franz Fanon no título de seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, uma alusão aos negros que – para integrar-se socialmente autorejeitavam-se, incorporando em seus "corpos e mentes" o ideal de ser branco, alisando o cabelo e assumindo deste último a música, a religião, os costumes, em suma, a cultura. (DOMINGUES, 2004, p. 25, grifo do autor).

Com essa busca do orgulho negro pela sua própria gente, o que acontece é que agora ocorre o que podemos chamar de -africanismo, um tipo de racismo branco. Para considerarmos esta inversão, levamos em conta o poema *Te agradezco Señor* do poeta senegalês Bernard B. Dadié, escrito em *Poesia Africana de Hoy*. Vejamos alguns versos:

Te agradezco, Señor, que me hayas creado Negro que  
hayas hecho de mí  
la suma de todos los dolores, y  
puesto sobre mi cabeza,  
el Mundo [...]

El blanco es un color de circunstancias, el  
negro, el color de todos los días,  
y llevo el Mundo desde el primer crepúsculo.

Na segunda estrofe é dada a noção de que ser negro é melhor que ser branco, o que é um erro, pois só a revogação desta ideia de superiorização é que pode acabar com o preconceito em suas diversas formas. Por isso, é importante que nos engajemos no pensamento do grande intelectual e revolucionário antilhano de ascendência francesa e africana Frantz Fanon, pois para ele necessitava-se unir a cultura africana à construção de uma cultura nacional, e não só lutar pelas causas dos afrodescendentes, mas sim de todos os oprimidos pela sociedade, que causou uma divisão entre eles, pois alguns acreditavam que se devia integrar a negritude a luta de todas as classes oprimidas, enquanto que outros (a maioria) acreditavam que este não era o objetivo da negritude.

Segundo Jean-Paul Sartre, que conseguiu enxergar o papel subversivo do movimento da negritude, em determinado momento histórico: seja porque negava os valores culturais do opressor branco, seja porque despertava no negro, altivez e orgulho racial (...). Segundo Sartre o racismo do branco seria a tese, a negritude sua antítese, um princípio transitório fundado no racismo anti-racista: —A unidade final, que aproximará todos os oprimidos no mesmo combate, deve ser precedida nas colônias, por isso que eu chamaria momento da separação ou da negatividade: este racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça. Para Sartre, a síntese era a etapa seguinte, a própria superação da negritude: a construção de uma sociedade igualitária, sem nenhuma espécie de racismo. (SARTRE, apud DOMINGUES, 2004, p. 28).

A negritude sofreu modificações ao longo do tempo, seu caráter apenas de conscientização racial e cultural, passou a ser militante e político, ou seja, a lutar contra o colonialismo e a defender a luta pela libertação das colônias africanas.

### **Negrismo ou negritude?**

É necessário que tenhamos consciência de que o negrismo é um movimento distinto da negritude, pois muitas vezes são confundidos ou visto como um só, pelo motivo de tratarem da questão do negro, o que é um equívoco. O negrismo surgiu antes da negritude, e foi um movimento que se iniciou depois de uma invasão na Europa por britânicos em Benin, de onde levaram várias obras, como a principal delas as máscaras africanas. Que depois de se espalharem pela Europa, se transformaram em obras de museus, que impactavam seus expectadores que consideravam estas obras, assim, como os africanos, exóticos. Logo a cultura africana se transformou em tema das vanguardas europeias, utilizada principalmente no cubismo; o que se via nas obras era o olhar do branco sobre o negro, o negrismo não tinha como objetivo reivindicar direitos ou valorar a cultura negra, mas apenas representar e mostrar o negro, em seu caráter

místico e exótico, o que eles conseguiam através de suas experiências turísticas e suas pesquisas. O olhar do europeu sobre estas obras, por se tratar de algo exótico e grosseiro para eles, e muitas vezes visualizar o afro como um ser pertencente a outro mundo, e como um ser primitivo, causava um preconceito.

Nota-se de imediato que o negrismo, enquanto tema da vanguarda, constitui um repertório importado, desvinculado de uma realidade vivenciada. Trata-se de um discurso plástico produzido por elite artística branca e europeia que incorpora uma temática negra para divulgá-la junto a um público também branco, em geral pertencente ao mesmo grupo de elite cultural. (SCHWARTZ, 2015, p. 318).

Mas não podemos negar sua contribuição, na perspectiva de que, o negrismo chegando ao Brasil e em Cuba, ganhou uma nova ressignificação o que ajudou mais tarde no surgimento da negritude.

### **Virginia Brindis de Salas**

Iris Virginia Salas, ou como é conhecida em suas obras Virginia Brindes de Salas nome que ela aderiu de um suposto parente cubano chamado Claudio Brindes de Salas, um violinista muito famoso, que também era conhecido como o *Paganini Negro*. Virginia nasceu em 18 de setembro de 1908 na cidade de Montevidéu e morreu aos 50 anos em Buenos Aires; foi poetisa, jornalista e importante ativista afro-uruguaia. Ao longo da sua vida escreveu duas inesquecíveis obras *Pregón de Marimorena* em 1946 e *Cien Cárceles de Amor* em 1949, com estas obras ela se tornou a primeira mulher negra a publicar um livro na América Latina; infelizmente sua terceira obra *Cantos de Lejanía*, citada em *Cien Cárceles de Amor*, não terminou de ser produzida e não há registros sobre ela. Seus pais se chamavam José Salas e Maria Blanca Rodrigues, casou-se em 1938 com Carlos Zolla e teve duas filhas. Trabalhou no Serviço de Oceanografia e Pesca e posteriormente na área administrativa das obras sanitárias do estado. Contudo, desde jovem, se envolveu com a poesia e os problemas pelos quais os afrodescendentes estavam cercados, assim como os uruguaios Gilberto Silva, Maria Esperanza Barrios e Iris Cabral.

Sua relação com a poesia se tornou mais forte com a sua íntima ligação com Juana de Ibarbourou e Gabriela Mistral, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, que a considerou como "hermana en triunfos y en el dolor" e a incentivou a continuar em seu objetivo "cante, querida Virginia, que usted es la única y primera figura entre su raza del Uruguay". Brindes de Salas pertenceu ao Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros (CIAPEN), assim como Juan Julio Arrascaeta, Carlos Cardoso Pereira e Pilar Barrios, e colaborou com a

publicação de periódicos entre os anos de 1939 a 1948 no jornal -Nuestra Raza. Estes dois meios de comunicação, assim como a *Revista Uruguay* lhe renderam aplausos e homenagens, a *Revista Mundo Uruguayo* fez uma reportagem sobre ela, na qual diz: -Ella interpreta a los suyos, escribe para redimir a sus hermanos. A autoria das obras de Virginia foi questionada pelo crítico Alberto Britos Serrat que aponta para um suposto plágio em seu livro *Antología de Poetas Negros Uruguayos*: -Los dos libros de Virginia Brindis de Salas merecen nuestra duda confirmada por las declaraciones de los promotores de los mismos y del verdadero autor de ellos. Assim como outro autor chamado José Carlos Barbosa que acusa Brindis de Salas de ter plagiado seu poema *Navidad Parlemitana*. Porém estas dúvidas que foram plantadas não foram suficientes para lhe arrancar a autoria de suas obras. Posteriormente Britos reconhece isso e comenta:

Virginia Brindis de Salas es nuestra primera y única poetisa negra quizás de todas estas regiones y se presenta con un libro lleno de hermosura, rebeldías y consciencia revelada, alerta, captando su posición de lucha como la de todas las conciencias conscientes válgame la redundancia. (BRITOS, 1943 apud INVIABILIZADOS, 2017, p. 12).

Virginia viveu em um período de muitas privações aos afrodescendentes, apesar da tentativa de democratização por alguns governos do Uruguai, os negros ainda viviam em condições de pobreza, viviam em áreas suburbanas, sem direitos trabalhistas, mesmo com a oportunidade da educação primária, muitos ainda eram analfabetos; com poucas chances de chegar ao ensino superior, uma vez que, eram logo direcionados para o trabalho braçal considerado -natural ao negro. As mulheres em sua grande maioria tinham que trabalhar como domésticas, ou até mesmo como prostitutas. A *Revista Nuestra Raza* foi muito importante ao denunciar a realidade dos afrodescendentes, e reivindicar uma mudança naquela dura situação que limitava os negros a serem sempre as populações de classe baixa, ignorantes, serviçais e nunca os médicos e advogados. Esta realidade não estava invisível a Brindes de Salas que decidiu ser a voz de seu povo e a escrever poesias que mostram suas dificuldades, suas lutas e a preciosidade da sua cultura.

### **Brindis de salas e a negritude de seus poemas**

A temática central dos poemas de Virginia Brindis de Salas é a negritude. Uma vez que ela trata de trazer à tona as questões problemáticas pelas quais os afro-americanos estavam passando com a desigualdade, racismo, e inferioridade cultural, problemas que estavam bem presentes em seu tempo. A negritude já era um movimento iniciado, Virginia uniu-se a negritude através dos seus poemas, uma vez que estes trazem os valores do movimento. Como afirma

Cristina Burgueño sobre *Pregón de Marimorena*:

[...] pretende mostrar como la temática y la forma de los poemas articulan la identidad étnica con la nacional, y como en los mismos hay una propuesta de unidad latinoamericana por encima de las diferencias raciales, al tiempo que apoya e impulsa la afirmación de la identidad afro-americana. (BURGUEÑO, 2007, p. 281).

Mas é necessário que além de uma afirmação, analisemos como isso de fato se dá nos textos de Virginia, por isso escolhemos versos de vários poemas que estão contidos em *Pregón de Marimorena* e *Cien Cárcels de Amor*. Contudo é importante ressaltarmos uma visão geral destas obras. *Pregón de Marimorena* é composto por vinte poemas que se dividem em baladas, pregões, tangos e cantos consecutivamente. Os tangos e os cantos, ritmos musicais de origem africana, assim como palavras, por exemplo, no poema *Tango Numero Dois*, *-yimbamba* e *yambambé* resgatam a cultura do seu povo:

(Danza,  
que bailaron los esclavos, parche y ritmo  
en su elemental rueda de gallo)

Yimbamba — yimbamba yim-  
bamba —  
yambambé; son de tus caderas  
y tus pies.

A marginalização dos afro-americanos, nesta perspectiva não faz sentido, uma vez que, o tango é um ritmo que se tornou tão intrínseco à América, que se faz pensar que sua origem é exclusivamente dela, mas não é, então por que motivo rejeitar e tratar como inferiores os afro-descendentes e seus costumes, sendo que eles já fazem parte mais do que imaginamos da formação da cultura americana.

El gemido de los esclavos se transmuta en canto en la cultura popular del Rio de la Plata, de esta manera Virginia Brindis de Salas delimita y reclama el reconocimiento de lo afro en esa cultura y articula su protesta social con una perspectiva étnica que parte del discurso de la minoría afro, pues como lo señala Josaphat Kubayanda en su trabajo sobre el discurso afro-latinoamericano, este afirma y reclama sus raíces allí donde la cultura dominante busca borrar a los grupos marginales. (BURGUEÑO, 2007, p. 282).

O livro *Cien Cárcels de Amor* é composto por dezessete poemas, com a mesma temática apresentada em *Pregón de Marimorena*, mas aqui Virginia Brindis de Salas se apresenta mais sentimental e emocionada em sua luta como remonta seus primeiros versos no livro:

Porque mi corazón es miel  
y blanda cera  
pecho ha de ser herido hasta  
que muera  
y mientras sueño, espero y desespero, y en  
cárceles de amor  
muriendo, muero.

O seu amor pela causa, pela sua cor, e pelo seu povo, faze-a sofrer, esse é o seu cárcere, no entanto, ela subtende que não irá desistir. O seu eu-poético é sempre muito forte em seus textos, é um eu-coletivo que fala por todos e que sente por todos.

### A negritude na obra *Pregón de Marimorena*

“A la Ribeira Americana” é o primeiro poema que aparece na obra. E se faz bastante significativo como primeiro poema. É perceptível a busca de Virginia em mostrar que somos todos filhos da mesma terra e que somos todos irmãos, independentemente da cor: *-Vamos por la ribera / de esta América indígena y mulata* (versos 19 e 20); *-y una bandera/ de un solo color/ hinchada al viento* (versos 26-28). Estes versos mostram igualdade, que para Sartre era a solução para o fim do racismo, uma vez que não haveria nem seres superiores ou inferiores. Julio Guadalupe faz um comentário importante no prólogo de *Marimorena*, ele diz:

El hombre no tiene ningún derecho no es inferior ni superior a otro hombre; peca por redundante el blanco que dice: —mi raza; peca por redundante el negro que dice: —mi raza. Todo lo que divide a los hombres, todo lo que específica, aparta acorrala, es un pecado contra la humanidad. (GUADALUPE, 1952, p. 7).

Os versos seguintes chamam os afro-americanos à luta, com uma voz de comando, Virginia mostra que está na hora de lutar e reivindicar pelos seus direitos:

Que el pecho inflame la paz  
redentora  
y diga a todos: id ahora;  
que nuestra sangre se derrame sin  
demora.

[...] quebrad el espasmo de la gruta del miedo que vuestra carne encierra!

Outro texto que ela utiliza para fazer este chamado é “Cristo Negro: *-Cristo negro manoseado/ por la audacia y por la fuerza,/ dejarás tu mansedumbre/ de cordero y tu vergüenza*”, o que nos chama bastante atenção uma vez que, Jesus sempre sofre uma *-europeização*,

pois é retratado como um homem branco de olhos claros. A seguir se introduz um dos motivos desta luta, os negros, mesmo acabando a escravidão, continuam trabalhando em sua grande maioria em trabalhos duros, pois não existem outras oportunidades de empregos para eles, por causa de um persistente pensamento colonial e racista que viam os negros como pessoas irresponsáveis enquanto que os trabalhadores brancos seriam responsáveis e confiáveis (REID ANDREWS, 2004, apud BURGUENO, 2007).

Quiero posar mi pie morena en la  
ribera de los lares  
de América, infinita y verla  
que del suelo se levanta  
en sus talleres, sus  
fábricas, sus minas

E Aimé Césaire confronta estes estigmas em *Discurso sobre o Colonialismo*:

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a insuficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. [...] É minha vez de enunciar uma equação: *colonização = coisificação*. (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

“Es Verdad, Sí Señor” é o segundo poema do livro, onde Brindis de Salas busca mostrar que ela não está sozinha no seu sonho de uma América verdadeiramente livre do racismo: “Que yo soñé en los caminos/ como Antonio y Federico/ y Nicolás del Caribe/ y Palés de Puerto Rico?/Es verdad, sí señor;/ sí señor, es verdade”, e aqui também há uma clara acusação aos políticos e os de classe bem financeiramente, que não enxergam os problemas sociais que acontecem, especificamente aos problemas da fome e da miséria. Ao mesmo tempo, que ela trata da condição da identidade negra, ela não deixa de expor a situação dos oprimidos.

Qué capricho el de los hombres que  
dominan las finanzas:  
-pero, si aquí no hay pobres,  
-todos criamos buena panzal.

Lo dice sin un dolor un polí-  
tico y -dotor.  
Hay quién vive para comer y quién  
come para vivir; quién ve para  
creer  
y quién lucha para sufrir.

Discurso que se repete no “Pregón Número Dos”: *Oigan políticos,/ periodistas,/ que aquí hacen gordas sus vistas,/ pues miren como ha vivido/ Marimorena,/ señores tan egoístas/ que nada nunca les ha pedido*. Já se pode confirmar uma grande diferença que Virginia Brindis de Salas fez em seu tempo, pois fugiu do romantismo literário para mostrar uma visão realista social; desviou do caminho do romanticismo de Delmira Augustini, Eugenia Vaz Ferreyra e Alfonsina Storny, para dar eco a sua voz até então silenciada. Através dela temos uma poesia que toma significação e função, pois não fez suas obras apenas para serem objetos de entretenimento, mas com o objetivo de conscientizar seus irmãos da realidade injusta a que eles estavam se submetendo, e assim, ela o fez através de uma linguagem simples, direta e rica em cultura. “Pero el poeta debe abandonar su ineptitud, despojándose de todos los refinamientos para ir directamente a la acción conjunta de pueblo e intelecto, y nada mejor que optar entre la burguesía y el pueblo, por este último” (GUADALUPE, 1952, p. 11).

Nisto ela mesma, através de “La Hora que Tú Duermes”, acusa outros escritores uruguaios de não terem olhos sensíveis, para verem os problemas visíveis que estavam ocorrendo “quítate la venda, quítate” versos que mais se repetem no texto; assim suas mãos que escreviam, não ajudavam a acrescentar nada a luta dos oprimidos “-¿qué cosecharán tus manos,/ tus dos manos bien inertes?”, e ela aconselha-os a serem mais realistas e a olharem a sua volta: “-Busca perlas en la luna/ en su luz anacarada/ baja tu vista a la tierra/ que ella da luz escarlata”. E um destas duras realidades que ela apresenta de uma forma muito íntima é a condição de crianças negras que moram nas ruas e que de além de terem que lidar com a falta de alimento precisam lidar com o racismo. Ela faz uma breve comparação com um jogo de xadrez, vendo seus meninos a brincar com meninos brancos, tem-se a ideia de que estas crianças são apenas peças manipuláveis da ignorância daqueles que incentivam a superioridade de uma etnia sobre a outra.

Los —blancos‖ del vecino  
del andrajoso patio  
se acercan a mis niños y allí  
están hermanadas dos -razas‖  
sin cariño

Forman un corro alegre de  
vocesitas tiernas.  
Sus caras a la vez parecen  
un tablero humano de  
ajedrez

É importante frisar que Virginia Brindis de Salas não busca apenas a conscientização ra-

cial, ela busca uma negritude militante em seus diversos desafios. Virginia mergulha profundamente na ideia de solidariedade idealizada por Césaire:

Césaire definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade. A identidade consiste em ter orgulho da condição racial, expressando-se, por exemplo, na atitude de proferir com altivez: sou negro! A fidelidade é a relação de vínculo indelével com a terra-mãe, com a herança ancestral africana. A solidariedade é o sentimento que une, involuntariamente, todos os "irmãos de cor" do mundo; é o sentimento de solidariedade e de preservação de uma identidade comum. (MUNANGA, apud DOMINGUES, 2004, p. 33).

Chegando aos pregões nos encontramos com a personagem que leva o nome do livro, *Marimorena*, o que já acrescenta a estes pregões uma importância maior do que os outros poemas. No “Pregón número um”, nos deparamos com a compaixão de Virginia por Marimorena que vive na miséria, e que esta trabalha como pregoeira de um jornal: “-por la mañana/ y por la tarde/ miles de veces”. Tal trabalho é pesado a ela, as pessoas chegam a comprar seu jornal mais com a intenção de aliviar seus pesares do que pelo próprio jornal, pois este não paga seu esforço e trabalho com dignidade, e se deixa de anunciar um só dia fica sem alimentação. Virginia expressa sua indignação contra o jornalismo: “-pagas con creces; /su periodismo, /su propaganda politqueira /todas sus lacras, su egoísmo, /sus fementidas torpes carreras”. No “Pregón número dos”, na segunda estrofe, sabemos agora que Marimorena é morena e já senhora de idade, e que sua voz é admirada pelas pessoas, mas neste questionamento parece haver um impasse: como esta morena velha tem uma voz admirável? Tal questionamento é fruto de uma ideia errônea de que os negros não são habilidosos e talentosos. Neste segundo pregão há reforço de quanto Marimorena é trabalhadora e que apesar do que ela sofre por ser mulher, negra, analfabeta e velha, ela continua dia-a-dia seu trabalho.

Tú, negra, analfabeta, Mari-  
morena,  
día a día, jeta a jeta\* las ca-  
lles llenas  
con pregones sandungueros: en la  
mañana primero  
y por la tarde después durante  
los treinta días o treinta y uno  
del mes..

Nos versos de Marimorena encontramos uma mulher que representa as aflições da sociedade negra na América Latina, empregos exaustivos, sem direito algum, mal pagos, sem educação, que não vivem senão para conseguir o alimento de cada dia, além de ter que lidar com o racismo e a discriminação. Só a partir dos tangos e cantos é que Virginia Brindis de Salas come-

ça a tratar mais especificamente das raízes africanas, como a dança, a música, o ritmo, as palavras, trazendo um pouco da cultura negra, e concretizando em seus versos a ideia inicial do movimento da negritude.

Ay Don Rafael de Sobremonte  
¿quién los junta?  
¿quién junta,  
quién vio tantos negros juntos alrede-  
dor de un tambor?  
Ay Don Rafael de Sobremonte!

Tangó  
tangó, tangó, tangó.

Em “La Conga” temos uma aculturação, Manoela uma loira pálida, que é a personagem central deste poema, dança junto aos congueiros, às batidas do tambor, e ao vê-la dançar a narradora conta algo extraordinário: “-¡Mira qué cara / negra Manuela!”. A partir do momento que há uma aproximação intensa com a cultura africana, Manoela se torna negra, o que implica em outro termo, o de transculturação (é o processo de transição de uma cultura a outra). O que mostra outro viés, a de que um negro pode deixar de ser negro quando ele rejeita suas raízes. Ou seja, não é uma questão apenas de cor, mas também de cultura. Outro ponto importante a se destacar é a questão que temos dentro de nós um caráter ambíguo (híbrido), portanto, intrinsecamente temos uma negritude que pode ser até desconhecida (ou mesmo desprezada) como mostra no poema:

Bah!, si supiera  
en su forma ambigua que  
ella de negra quiere vestirse,  
(...)  
junto a la conga  
y a los congueros; junto  
a la lonja  
a los tamboreros; toda  
inconsciente toda re-  
suelta.

E para encerrar *Pregón de Marimorena*, Virginia reclama o direito de igualdade, em um discurso bastante claro e sem rodeios, no seu poema “¡Aleluya!”, uma vez que nasceu na mesma terra que o povo americano. E trata especificamente da mulher branca, que por ser branca não significa que é melhor, ou que merece ser tratada de forma diferente do que as mulheres negras.

Yo negra,  
tú blanca, mujer americana la

misma sopa  
habremos de comer durante  
días y semanas; lo mismo tú,  
mujer  
de Europa,  
has de comer igual que yo la  
misma sopa,  
y tendrás la misma fe y la  
misma ropa  
y has de beber tu vino, en  
igual copa.  
¡ Aleluya,!

No primeiro verso, Brindis de Salas se reconhece como negra e utiliza muito a palavra “negro” em seus dois gêneros (em francês se chama *nègre*) mostrando assim orgulho racial em seus poemas, já que:

A palavra *négritude* em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *négritude* ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial. (DOMINGUES, 2004, p. 35).

### **A negritude na obra *Cien Cárceles de Amor***

A outra obra de Virginia Brindis de Salas, *Cien Cárceles de Amor*, se desdobra sobre a ânsia de liberdade, os sofrimentos passados e presentes, e o amor que se tem a sua origem e ao seu povo. Um dos seus primeiros poemas deste livro se chama “Abuelito Mon”, onde se retoma a história dos negros nos canaviais, onde eles, postos nos lugares dos aborígenes, trabalhavam duramente e não recebiam o valor equivalente ao seu trabalho, as canas de açúcar eram a principal matéria prima da famosa bebida conhecida como *rum*, que aos negros custava muito caro consumir, mas que segundo a lenda eles consumiam para aliviar suas fadigas. Mas “Abuelito Mon” expõe que esta bebida, é bebida feita do suor dos escravizados: “Me cabe el cañaveral / en cuatro dedos de ron. / Poco paga el yanqui ya / por este millón de canas/ que el negro sembró y cortó. / Mas no me trago este trago,/ porque es trago de sudor”, e que se nega a consumi-la e quer dizer isto a todo o Caribe (rum era sua principal moeda de troca no comércio colonial, trocava-se até para conseguir mão-de-obra escravizada africana). E ainda declara que os bêbados não eram os negros, e sim os marinheiros (bebida predileta deles naquele tempo e distintiva dos verdadeiros marinheiros), provavelmente eles eram taxados como bêbados “-con mis pies quie-

ro esta vez/ un idioma hablar que diga/ que el ron no está en mi barriga,/ que bajo este sol mulato/ el ron no está en mis sapatos”. A través deste poema, Virginia resgata a história dos sofrimentos passados nos canaviais e dá voz aos trabalhadores daquele tempo, buscando uma sensibilidade do leitor.

El mejor homenaje que podemos rendir al negrismo americano es el afirmar que contribuyó con su poesía a reducir el campo de la inhumanidad del hombre para con el hombre ya unir, en la universal ternura de la creación artística, a diversos autores de todos los colores, elevado muy alto en el espacio solar la voz popular, sabia y apasionada del Calibán americano. (DEPRESTE, 1986, p. 360).

Outra poesia que se desdobra sobre isso é “Negros”, onde se encontram os versos que dizem: “-Alarde de dientes blancos/ Elevándose en la roja pulpa de las sandías. / Hombres que cantan y cantan sus penas, / Con el alma asomada a la boca. / Entre los cañaverales”. “Navidad Parlemitana” é um poema que retrata o modo específico dos afros-uruguaios comemorarem o natal (uma festa cristã), com danças do candomblé. Os lugares destas comemorações no poema são significativos, uma vez que Montevideu e o bairro chamado Palermo estão entre os lugares onde vivem a maioria dos afros-uruguaios, e sendo que Montevideu foi à porta de entrada dos primeiros escravizados negros no Uruguai (1726). A través das batidas do tambor havia uma chamada ancestral para assim conseguir uma união entre todos, e assim não esquecer suas origens, vejamos alguns versos:

La negrada entusiasmada Hacia  
repicar los cueros. Candombe de  
Navidad, Candombe de sol ca-  
liente, Reminiscencia africana  
Que reviven los morenos En  
nuestra fiesta cristiana. Recinto de  
los esclavos Del viejo Montevi-  
deo,  
En donde por vez primera Repi-  
co mi tamboril.  
Con mi candombe te evoco, Con mi  
candombe te canto Porque hoy los ne-  
gros son libres En esta tierra Oriental.

Virginia Brindis de Salas tratou sobre as criadas negras que no tempo da escravidão serviam nas casas de seus donos, as que conhecemos como mucamas, que serviam para todos os tipos de trabalho domésticos, desde cuidar da casa, e servir como amas de leites para os filhos de suas senhoras, até a servir os desejos sexuais de seus senhores, o que não podiam negar, para não serem duramente castigadas: “-Es la amarga tortura de tener miedo al !amo!!!”. Deveriam

aguentar todo tipo de humilhação caladas, e servir sem murmurações: “-Cuando hasta se le ultraja, / Y tiene que humillarse/ Con la cabeza baja!!!”. O que Virginia expõe claramente em “Criada de Colo”, pois apesar deste trabalho ser do tempo da escravidão, as condições de trabalho não tinham mudado muito, uma vez que elas ainda eram tratadas como inferiores e sem respeito: “-En angustia y zozobra de miserable vida / De quienes se lo exigen.../ Con una resignada paciencia que obedece, / A todo ese mandato de rigor que estremece / Sentimientos muy hondos que vibran un latido, / Sobre el pecho cansado de sentirse oprimido”. Ademais disto ela mostra que a criada ainda mantém a mesma postura de escravizada, como se estivesse revivendo o passado, e ansiando o mesmo sonho de liberdade: “-Por eso es que en su risa como grito estridente. / Hay recuerdos remotos del Pasado al Presente./ Y ahí se -desencaja / Fuera de todo ambiente”. Virginia acompanha o desenvolvimento da negritude, e se preocupa em mostrar suas várias facetas, como a de que os afrodescendentes devem buscar uma nova atitude, um novo pensamento, “falo de milhões de homens que inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo” (CESÁIRE, 1978, p. 26), assim como refletiu o Frantz Fanon.

Para Fanon, la Negritud constituye una importante y necesaria contribución, pero no suficiente para la toma de conciencia del colonizado negro en su lucha por conquistar su libertad y liberación. Así, para él, hace falta crear un pensamiento nuevo, y sobre todo un hombre nuevo. (REVISTA INTERS-  
TICIOS DE LA POLÍTICA Y LA CULTURA, 2017, p. 31).

No poema “Cantos”, Virginia pede para que os negros não cruzem os braços diante das dificuldades, mas que lutem, para que não revivam a história dos sofrimentos que seus antepassados viveram, que por medo não reagiram, por isso ela pede que esqueçam as dores do passado, e por fim deixa a esperança de “-que lentamente viene, la ansiada libertad”, verso que podemos comparar com outro encontrado em “Lamento Negro”: *-Qué importa que el alma / Se encuentre oprimida / Si un rayo de luz, / Nos puede dar vida!!!*. Naquele mesmo poema “Cantos”, ela declara que sua cor de pele não a faz escrava: “-Yo negra soy/ Porque tengo la piel negra/ ¡Esclava no!.../ Yo nací de vientre libre”.

Sua última poesia tem o formato de uma oração, o eu-lírico se dirige à “madrecita”, que representa a mãe de Jesus, Maria. Como é comum em orações, aqui ela faz pedidos: “-Señor: que cese la guerra..., -Dios: que seamos libres..” E para finalizar: “-Paz, ¡Bendita Seas!” em seu livro ela deixa claro sua convicção de que um dia a az reinará: “-Nuestros labios victoriosos / Este himno de paz entonarán:/ ...¡PAZ, BENDITA SEAS!”.

## Conclusão finais

*Pregón de Marimorena* e *Cien Cárceles de Amor* nos mostram desde o nível morfológico até o semântico, o que se sucede com as populações negras; suas lutas, sua história, e sua cor são escritas através de uma visão que permeia a realidade, a escrivência; diferentemente do que se sucedia no negrismo das vanguardas europeias. Assim, Virginia Brindis de Salas aborda o aspecto cultural, racial, de militância e identidade como base fundamental na construção das suas poesias.

É visível o diálogo que se dá entre suas obras e o movimento da negritude, é importante ressaltar que sua poesia, como se entende atualmente, faz parte do que chamamos de Literatura-Afro ou Literatura Negra. Tal literatura, só foi viável chegar até aqui através dos vários movimentos que emergiram nas décadas de 1920, por isso analisar o movimento da negritude, como por exemplo, faz-se bastante valoroso.

## Referências

- BOISROLIN, Henry. **Revista Intersticios de la política y la cultura...**v. 5, 2016, p. 23-33. Disponível em: <http://revistas.unc.edu.ar/index.php/intersticios/index>. Universidad Nacional de Córdoba–Argentina.
- BRINDIS DE SALAS, Virginia. **Pregón de Marimorena**. Montevideo: Sociedad Cultural Editora Indoamericana, 1946.
- BRINDIS DE SALAS, Virginia. **Cien Cárceles de Amor**. Montevideo: Sociedad Cultural Editora Indoamericana, 1949.
- BURGUEÑO, María Cristina. **Virginia Brindis de Salas: La voz de um Yo afro**. Marshall Digital Scholar. West Virginia, v. 1.1, p. 281-289, 2007.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. Tradução de Noêmia de Sousa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- DOMINGUES, Petrônio. Mediações – **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.